

URBANISMO TÁTICO: experiências temporárias na ativação urbana

FERNANDES BARATA, ALINE (1); SANSÃO FONTES, ADRIANA (2)

1. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Programa de Pós-graduação em Urbanismo
Rua Carlota Malta, 92/102. Centro. Juiz de fora, MG. CEP: 36016-240
alinemfbarata@gmail.com
2. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Programa de Pós-graduação em Urbanismo
Rua São Salvador 111/201. Flamengo. Rio de Janeiro, RJ. CEP: 22231-130
adrianasansao@gmail.com

RESUMO

Devido à valorização dos transportes motorizados individuais ao longo do século XX, os espaços urbanos mudaram de configuração afetando a oferta de espaços de qualidade para as pessoas, e, consequentemente, a importância do pedestre nas cidades. Além dos impactos ambientais negativos decorrentes do uso massivo de automóveis, as ruas, palco da vida urbana e de encontro das pessoas, têm se tornado cenário para tráfego e estacionamento de veículos diariamente. Mais ainda, observam-se nas cidades contemporâneas situações de vazios urbanos, fenômeno que evidencia o estado de abandono e a subutilização do solo urbano. A subutilização de espaços urbanos decorrente da valorização massiva de automóveis merece atenção especial, uma vez que reduz oportunidades de troca entre pessoas e convívio social. Como forma de enfrentar essas questões, a abordagem emergente do Urbanismo Tático se desafia a manter cidades ativas através de iniciativas de pequena escala, rápidas e de fácil execução para evidenciar possibilidades de transformação do espaço urbano. Ações táticas têm representado uma importante prática de ressignificação dos espaços públicos e reforçam a visão da cidade como laboratório, na medida em que incentivam as atuações flexíveis, temporárias e sustentáveis nos espaços públicos. Esse artigo visa explorar o potencial do Urbanismo Tático em ativar ruas, recuperar espaços subutilizados e fomentar a participação social na manutenção de cidades vivas e inclusivas. Pretende-se investigar iniciativas táticas temporárias e flexíveis que demonstrem a importância de espaços voltados para as pessoas e da integração entre sociedade civil e poder público, além de apresentar como algumas delas repercutem em políticas públicas.

Palavras-chave: Urbanismo Tático, sustentabilidade, participação social

1. Introdução

A ênfase rodoviarista do desenho urbano e os desequilíbrios entre carros e pedestres, somados às situações de esvaziamento urbano, abandono ou subutilização de espaços públicos e privados causam impactos expressivos na dinâmica urbana, e vem sendo fatores motivadores na busca por melhores condições de urbanidade e vitalidade nas cidades contemporâneas.

O Urbanismo Tático é uma abordagem emergente que se propõe a refletir sobre a maneira de atuar na cidade e nos espaços públicos para além das praças, parques e áreas verdes. As ruas, muitas vezes associadas à circulação de veículos, têm um importante papel enquanto palco da vitalidade urbana, do encontro de pessoas e convívio social. Diante da valorização massiva dos veículos automotores individuais e da consequente degradação dos espaços dos pedestres, o Urbanismo Tático aparece como uma importante contribuição para repensar os espaços públicos e os modos de vida urbanos.

Nesse artigo pretendemos promover um debate acerca do potencial do Urbanismo Tático em ativar a experiência urbana e recuperar espaços, ressaltando a importância dos locais voltados para as pessoas e da participação social nas cidades contemporâneas. Para isso, serão exploradas iniciativas de pequena escala que partem da sociedade civil ou do poder público, ativando ruas e recuperando espaços urbanos subutilizados.

Iniciaremos essa exploração indicando problemáticas enfrentadas pelas cidades contemporâneas que afetam a dinâmica urbana e impactam negativamente a experiência do pedestre nos espaços públicos. Nessa seção, apontaremos os desequilíbrios entre carros e pedestres e a presença de espaços subutilizados nas cidades, destacando o papel e o potencial da rua e das áreas livres públicas para o convívio social e ativação urbana. Em seguida, o Urbanismo Tático será apresentado como abordagem que visa tratar essas questões, investigando seu conceito e pertinência na atualidade, principalmente no que tange à resignificação dos espaços públicos na era contemporânea. A partir disso, será possível explorar e ilustrar, através de iniciativas táticas temporárias, o potencial do Urbanismo Tático no tratamento das problemáticas atuais no mundo e no Brasil e em evidenciar possibilidades de atuação no espaço urbano e promover mudanças de longo prazo, promovendo a participação social e, em alguns casos, se articulando na forma de políticas públicas.

1.1. Desequilíbrios entre carros e pedestres

O uso indiscriminado do automóvel particular e a ênfase rodoviarista do desenho urbano reduziram a importância do pedestre na cidade, e, consequentemente, dos espaços públicos, substituindo a cultura do andar sem objetividade, as expressões sentimentais, imaginárias e sensoriais da vida urbana (SILVA, 2008). Harvey (2014) aponta que antes do surgimento dos carros, as ruas eram um lugar de socialização popular e de lazer, contudo, esse tipo de uso foi comprometido e transformado em um espaço para os automóveis. O autor argumenta que as ruas tomadas pelo tráfego de veículos tornaram esse espaço público quase inutilizável para motoristas e também para os pedestres.

Segundo pesquisa do Observatório das Metrópoles (2015), em 2014 a frota de automóveis na região metropolitana do Rio de Janeiro cresceu 5,3%, o que em termos absolutos representa mais de 170 mil veículos. Para ter a real dimensão do problema, enquanto em 2001 a relação na metrópole era de 16,1 automóveis por 100 habitantes, hoje contamos com 27,7 unidades para cada 100 habitantes, totalizando 3,4 milhões de automóveis

circulando pelas mesmas ruas de antes. Tais números tornam-se ainda mais expressivos na medida em que observamos a escassez de espaços destinados para pedestres e para o convívio social nas cidades.

1.2. Espaços públicos subutilizados

O processo de surgimento e desenvolvimento de espaços subutilizados nas cidades pode ser compreendido dentro da análise dos vazios urbanos, considerados como fatores inerentes à era contemporânea por conta das transformações socioeconômicas que modificam as estruturas espaciais citadinas de forma contínua (Borde, 2006). Processos de desindustrialização e de urbanização descontinuada podem contribuir para o cenário de vazios que se sobrepõem nas cidades contemporâneas, alterando suas dinâmicas.

Compreende-se por vazios “lugares, territórios e edifícios em situação de esvaziamento - espaços abandonados, espaços ocupados por estruturas obsoletas, ruínas, terrenos baldios, terrenos subutilizados e imóveis ociosos” (BORDE, 2012, p.1). Nesse contexto, há diversos tipos de vazios urbanos:

os vazios esvaziados da cidade antiga (seja ela medieval, colonial, fordista etc) convivem lado a lado com vazios gerados em diversos momentos da história urbana pelas mudanças nas estruturas produtivas; vazios projetuais da cidade renovada; vazios conjunturais e vazios da obsolescência funcional, recentemente produzidos; e com vazios em processo de reativação (BORDE, 2006, p.41).

Espaços públicos subutilizados podem ser entendidos como as áreas públicas no tecido urbano que são vazios de uma ação, abandonados, estagnados ou desarticulados, e, conseqüentemente, não cumprem sua função pública de serem lugares da comunidade, como Solá-Morales chamaria de “*terrain vague*” (2002). “Para Henri Lefebvre (...) há no urbano uma multiplicidade de práticas prestes a transbordar de possibilidades alternativas” (HARVEY, 2014, p.22). O entendimento do vazio urbano como oportunidade de atuação na cidade pode ser observado através de atividades temporárias de lazer e cultura e de aproveitamento de infraestruturas existentes, que, segundo Mostafavi & Doherty (2014), “inventam usos temporários e interinos e (...) buscam vazios, nichos e brechas no tecido socioespacial” (MOSTAFAVI & DOHERTY, 2014, p. 350).

O Urbanismo Tático é apresentado como abordagem que pretende atuar em uma escala aproximada da cidade e pode ser aplicada ao que o sociólogo urbano William H. Whyte¹ (1989) chamou de “grande reserva de espaços ainda inexplorados pela imaginação”² reforçando a visão da cidade como laboratório para testar ideias em tempo real, que influencia inúmeras iniciativas no espaço urbano, seja criando novos espaços ou ajudando a recuperar os existentes. Tal reserva de espaços é compreendida por Lydon & Garcia (2015) como lotes vazios, espaços públicos subutilizados, ruas excessivamente largas, lotes ou vagas de estacionamento, passagens sob viadutos... todos eles espaços que podem incentivar ações criativas como: comida de rua, lojas temporárias³, vaga viva⁴, agricultura

¹ Da obra: *City: Rediscovering the Center*. New York: Doubleday, 1989.

² Tradução nossa: “*huge reservoir of space yet untapped by imagination*” (WHYTE 1989 apud LYDON & GARCIA 2015, p. 6).

³ Tradução nossa: *pop-up stores* (LYDON & GARCIA, 2015, p.6).

⁴ Tradução comumente utilizada como tradução do termo em inglês *Parklet*.

urbana e iniciativas “faça-você-mesmo”⁵, entre outras, evidenciando possibilidades de transformação desses contextos.

2. Urbanismo Tático

Nesse capítulo, trataremos da exploração da abordagem emergente do Urbanismo Tático, seu conceito e principais eixos de atuação. Primeiramente destacaremos a pertinência do Urbanismo Tático na contemporaneidade a partir da recente ressignificação dos espaços públicos. Em seguida investigaremos a construção do termo e seu alcance na atualidade. A partir disso, apresentaremos o potencial das iniciativas táticas temporárias em refletir e combater os desequilíbrios urbanos entre carros e pedestres e a subutilização dos espaços públicos. Para tanto, serão apontadas quatro tipos de experiências temporárias que se propõem a ativar ruas e recuperar espaços públicos subutilizados por meio de ações táticas.

2.1. Ressignificação dos espaços públicos

Vários autores reconhecem na contemporaneidade a busca pela valorização e ressignificação dos espaços públicos enquanto elementos urbanos coletivos de cidadania, de integração e convivência social. Lydon & Garcia (2015, p.63) se referem a essa busca recente como “um caso de amor renovado com a cidade”⁶.

Os movimentos dos direitos civis de meados de 1960 estimularam o debate no âmbito das ciências sociais em relação ao uso e conceito de espaço público. Como consequência, Benner (2013) aponta que os campos da arquitetura, do urbanismo e do planejamento urbano passaram a lançar um olhar mais crítico sobre a forma com que as pessoas interagem no espaço e o impacto da morfologia urbana no comportamento humano.

Os trabalhos de Henri Lefèbvre são muito influentes nas discussões sobre os espaços públicos e influenciaram a produção nas ciências sociais a partir de 1976, sendo fundamentais para a compreensão do espaço público na era contemporânea. O entendimento do espaço público como elemento urbano promotor de qualidade de vida e bem estar reforça sua importância como produto e facilitador das relações sociais (LEFEBVRE, 1976).

Harvey (2014) atenta para o recente ressurgimento da ideia do direito à cidade, que vem emergindo das ruas e dos bairros através de protestos e movimento sociais. O geógrafo ressalta a existência de uma cidadania insurgente, como defendido por James Holston (2008), que não deve ser associada ao legado de Lefèbvre, mas sim às lutas que continuam a existir acerca de quem deve configurar as características da vida urbana cotidiana (HARVEY, 2014, p.14).

Aliado a isso, o autor destaca “a recente ênfase na suposta perda da comunalidade urbana” reflexo da “onda de privatizações, gradeamentos, controles espaciais, policiamento e vigilância na qualidade da vida urbana em geral”, e alerta para tentativas de criação de tipos comuns urbanos capitalizados. Tal afirmação revela um protesto à criação de espaços públicos que negam a comunalidade e se voltam apenas para uma minoria e para atividades comerciais.

⁵ Tradução nossa: *do-it-yourself* (DIY).

⁶ Tradução nossa: “*A Renewed love affair with the city*”.

2.2. A construção do termo Urbanismo Tático

O conceito do Urbanismo Tático tem sido construído e disseminado no século XXI como uma abordagem que pretende intervir na cidade contemporânea utilizando ações rápidas e facilmente executáveis para demonstrar a possibilidade de mudanças em larga escala e de longo prazo. O termo tomou forma a partir de 2011, quando jovens urbanistas norte-americanos - Mike Lydon juntamente com os membros do *Street Plans Colaborative* - lançaram a primeira publicação intitulada *Tactical Urbanism: Short-term Action, Long-term change*, que apresentou o progresso de intervenções temporárias sancionadas ou não em espaços públicos na América do Norte (PFEIFER, 2013). A partir de então, foram lançados pelos chamados “*tacticians*”, nos anos seguintes, mais três volumes, além de um livro, *Tactical Urbanism*, de 2015, escrito por Mike Lydon & Anthony Garcia.

Em 2012, a urbanista canadense Laura Pfeifer (2013) aponta que o Urbanismo Tático ganhou atenção da mídia em escala internacional no pavilhão dos Estados Unidos, *Spontaneous Interventions: Design actions for the common good*, na 13ª Exposição Internacional de Arquitetura na Bienal de Veneza. Segundo Benner (2013) a exposição exibiu 124 projetos, sendo a maioria deles informais e espontâneos, criados para o interesse público. Antes da divulgação do termo ter ocorrido amplamente a partir de 2010, intervenções temporárias foram exploradas no início dos anos 2000, principalmente pelo Studio Urban Catalyst de Berlim, que teve grande importância sedimentando conhecimento na área (PFEIFER, 2013).

O Urbanismo enquanto campo disciplinar e prática profissional, constituído a partir do final do século XVIII, é compreendido como o campo de reflexão e de ação técnica cujo saber específico é a própria cidade (PEREIRA, 2003). O conceito “Urbanismo Tático” pode ser interpretado como uma abordagem que explora o estudo de intervenções na cidade a partir de “táticas urbanas”, inspiradas pelas observações do urbanista e filósofo francês Michael de Certau (1999) na obra *A invenção do cotidiano*. Lydon & Garcia (2015) apontam que, normalmente associadas a operações militares, “estratégias” e “táticas” também são válidas para a compreensão da construção da cidade.

No livro Urbanismo Tático⁷ publicado por Lydon & Garcia em 2015, o termo “tático” é associado às ações de pequena escala que servem a um propósito maior, ou ao planejamento ou manobra hábil para realizar um propósito. Traduzido para as cidades, o Urbanismo Tático foi considerado como abordagem de construção da cidade que visa cinco pontos principais: instigar mudanças; oferecer ideias locais para os desafios de planejamento urbano local; compromissos temporários e expectativas reais; baixos riscos e possibilidades de grandes recompensas; e desenvolvimento de capital social entre cidadãos e instituições privadas, organizações sem fins lucrativos e não governamentais (LYDON & GARCIA, 2011).

De acordo com Lydon & Garcia (2015), *Do-it-yourself (DIY) Urbanism* inclui *pop-up urbanism*, *user-generated urbanism*, *insurgent urbanism*, *guerrilla urbanism* and *urban hacking*, e se diferencia do Urbanismo Tático por voltar-se a iniciativas que prevalecem como expressões de indivíduos ou de um pequeno grupo de atores que não necessariamente instigam mudanças a longo prazo, como por exemplo a revisão de políticas desatualizadas ou a procura de respostas à deficiências de infraestruturas. Porém, os autores afirmam que esforços do *DIY urbanism* podem ir além da arte urbana, integrando iniciativas da agenda municipal e fomentando ações a longo prazo e a participação social.

⁷ Tradução nossa: *Tactical Urbanism* (LYDON & GARCIA, 2015).

Segundo os autores, o Urbanismo Tático incentiva ressignificações na maneira do “fazer cidade”⁸ por meio de articulações que exploram interações mais eficientes entre cidadãos e esfera pública, incrementando projetos e políticas do processo de planejamento tradicional, tornando-as mais ágeis sem perder de vista seus objetivos de influência em larga escala e a longo prazo. Com isso, os autores caracterizam essa ligação direta como processos “*bottom-up, top-down*”, de baixo para cima e de cima para baixo (LYDON & GARCIA, 2015, p.10), demonstrando que pode partir do poder público municipal e/ou da sociedade civil o desejo em promover novas experiências urbanas, apropriações, a preservação do ambiente construído e a democratização do uso do solo citadino, contanto que haja participação social. Os autores destacam que o Urbanismo Tático pode ser importante ferramenta para subverter processos burocráticos lentos e permitir que medidas sancionadas ou não façam parte da dinâmica urbana.

Os autores retratam três aplicações mais comuns do Urbanismo Tático (LYDON & GARCIA, 2015). Primeiramente, destacam iniciativas que partem da sociedade civil, através de protestos, protótipos ou de intervenções que vislumbram a possibilidade de mudanças, evidenciando o exercício do “direito à cidade”. Em segundo lugar, sugerem que as ações podem se configurar como ferramentas do poder público para engajar organizações sem fins lucrativos e a participação social no processo de planejamento. Por fim, as reconhecem como intenções “fase 0”, ou teste de projetos urbanos, antecipando a etapa onde investimentos permanentes serão feitos.

Entre 2011 e 2012, segundo Nettler (2012) apud Pfeifer (2013), o Urbanismo Tático foi nomeado uma das maiores tendências de planejamento no *Urban Times*⁹. Tais estratégias foram incorporadas aos processos de planejamento urbano em algumas cidades, proporcionando maiores oportunidades de interação entre planejadores municipais e sociedade civil acerca das questões e desafios da cidade (PFEIFER, 2013). Mais além, o urbanismo tático é também compreendido como importante abordagem para contribuir nas atividades de planejamento, no destaque de necessidades locais e na resolução das questões urbanas de menor escala (BENNER, 2013).

2.3. Iniciativas temporárias

Dentro do tema geral do Urbanismo Tático, destacam-se aqui experiências temporárias que evidenciam possibilidades de transformação do espaço urbano e indicam oportunidades de ativação de espaços a longo prazo.

Segundo Benner (2013), as pesquisas sobre os usos temporários são recentes e a maioria é advinda da Europa Ocidental. Um dos pioneiros desses trabalhos, entre 2001 e 2003, foi o Studio Urban Catalyst de Berlim, grupo interdisciplinar que conduziu pesquisas sobre o tema. A primeira publicação do grupo foi *Urban Catalysts: Strategies for Temporary Uses – Potential for Development of Urban Residual Areas in European Metropolises* (2003), e apresenta motivações e tipologias de usos temporários.

No Brasil, o termo também foi discutido por autores como Adriana Sansão Fontes (2013) em seu livro “Intervenções temporárias, marcas permanentes”, onde a autora dedicou-se ao estudo das intervenções temporárias contemporâneas como forma de transformação positiva dos lugares. Ela chama a atenção para as condições contemporâneas favoráveis a essas iniciativas e defende que intervenções temporárias como apropriações espontâneas do espaço, intervenções de arte pública ou de arquitetura de pequeno porte e festas locais

⁸ Tradução nossa: *city making* (LYDON & GARCIA, 2015, p.3).

⁹ Website de notícias de Nova Iorque. Top planning trends of 2011-12, Planetizen, 27 February 2012.

podem deixar marcas permanentes nos lugares, sejam materiais ou imateriais, comprovando-o através de estudos de caso aprofundados.

Nos últimos anos, experiências temporárias têm sido incorporadas aos processos de planejamento de algumas cidades, impulsionando intervenções de baixo risco e custo. De acordo com Pfeifer (2013) ações lideradas pela sociedade civil também inspiraram discussão sobre maneiras de incrementar a condição e a participação social no processo de planejamento urbano. Podemos apontar o *Urban Street Design Guide* elaborado pelo *National Association of City Transportation Officials* (NACTO, 2013), que apresentou um capítulo sobre estratégias de projetos temporários, evidenciando o potencial de transformação dos espaços públicos e da mobilidade urbana. O livro *Urbanismo Ecológico*, de Mostafavi & Doherty (2010), também apresenta os benefícios positivos das iniciativas temporárias em espaços públicos que se desafiaram a manter as cidades vivas, transformando áreas ociosas ou subutilizadas em espaços de lazer e convivência.

Outro fator interessante a ser apontado sobre o caráter temporário das intervenções é o surgimento do conceito de Sustentabilidade, que a partir dos anos 1990 indica a necessidade de atenção ao desenvolvimento sustentável em diferentes esferas, sejam elas: econômica, social, política, cultural e ambiental, satisfazendo as necessidades das gerações atuais sem comprometer as futuras. Tal conceito favorece o Urbanismo Tático, pois sustenta seu princípio de evidenciar possibilidades de transformação nas cidades por meio de iniciativas de baixo custo, impacto e risco, com compromissos temporários e expectativas reais. Mostafavi & Doherty (2010) se referem à importância de ações urbanas responsivas, responsáveis e “seguramente falíveis” cuja temporalidade é fator elementar (MOSTAFAVI & DOHERTY, 2010, p. 540).

3. Urbanismo tático no Brasil e no mundo

A importância do caminhar a pé e do papel da rua na dinâmica urbana são a força motriz do Urbanismo Tático, que reconhece que a vitalidade urbana se inicia a partir das ruas e quadras (LYDON, 2001). Estudo produzido pelo Observatório do Espaço Público da UFPR sobre Curitiba revelou que o tipo de espaço público mais presente na cidade são as ruas, configurando-se como aproximadamente 18% do território do município (ROSANELI, 2016). Desta maneira, nessa seção trataremos de iniciativas que se propõem a ativar ruas e ressaltam a importância do pedestre na cidade de maneira temporária, subvertendo usos e revelando possibilidades de transformação de modos de vida a longo prazo.

As iniciativas que se propõem recuperar espaços subutilizados apresentadas nesse estudo revelam-se como maneiras de garantir o direito à cidade na medida em que permitem que diversos atores sociais reinventem usos e espaços. A liberdade de fazer e refazer as cidades é “um direito mais coletivo do que individual, uma vez que reinventar a cidade depende inevitavelmente do exercício de um poder coletivo sobre o processo de urbanização” (HARVEY, 2014, p.28).

A seguir apontaremos quatro iniciativas, nas quais as primeiras buscam ativar ruas e as seguintes recuperar espaços públicos subutilizados na cidade. Em cada uma das experiências apresentadas visaremos estabelecer um paralelo entre os casos no cenário internacional e nacional, identificando suas potencialidades e possíveis desafios.

3.1. Ativação de ruas

Os casos apresentados nessa seção tratam de dar novos usos ao espaço da rua de maneira temporária, de forma a equilibrar a relação entre carros e pedestres e dar chance às pessoas de se apropriarem dessas áreas públicas fora do horário de pico, promovendo sua ativação e convívio social.

3.1.1. Ruas Abertas e Ruas de lazer

Experiências temporárias que transformam positivamente as ruas são classificadas por Lydon e Garcia (2015) como as *play streets* (ruas de lazer) e *open streets* (ruas abertas), iniciativas que têm o potencial de transformar positivamente a vida urbana e indicar possíveis mudanças a longo prazo, além de priorizar o pedestre. O reaproveitamento temporário da rua provou ser um método rápido e de baixo custo de manter áreas de lazer e de recreação para a comunidade, ao mesmo tempo em que reivindica a vida social nesses locais (LYDON & GARCIA, 2015).

Como exemplo internacional, podemos destacar a experiência em Bristol, na Inglaterra em 2011, que através da sociedade civil em uma iniciativa *bottom-up* (de baixo para cima) criou ruas de lazer temporárias. A Câmara Municipal reconheceu os benefícios do fechamento de vias para o lazer de crianças realizado na cidade por alguns pais e permitiu que isso ocorresse regularmente, incentivando outros pais a fazerem o mesmo em outras ruas. Essa iniciativa de Ruas de Lazer temporárias configurou-se como o movimento *Playing Out* que influenciou outros países como os Estados Unidos, que buscam combater a obesidade infantil através de projetos do gênero.

Além das Ruas de Lazer, Ruas Abertas são exemplos de experiências *top-down* (de cima para baixo) de um plano piloto da *New York City Parks and Playgrounds*, no qual se proibiu o tráfego de veículos em determinadas vias no horário que as crianças deixavam as escolas em Nova Iorque em 1909, a fim de evitar acidentes e tornar o espaço mais seguro. Essa iniciativa influenciou o *Summer Play Street Program*, que desde 1914 abre as vias para os pedestres durante o verão na cidade. Lydon e Garcia (2015) também afirmam que, apesar de sua popularidade, o programa quase foi extinto com o crescimento do número de automóveis e dos subúrbios em Nova Iorque. “Entretanto, atualmente tal iniciativa ressurgiu como ferramenta para combater os impactos negativos dos carros” (LYDON & GARCIA, 2015, p. 40).¹⁰

O fechamento temporário de ruas para o tráfego de veículos foi também apontado por Lydon e Garcia (2015) como importante iniciativa que devolve para os pedestres e ciclistas o direito de usar a rua livremente por determinado período de tempo. Os autores apontam que a abertura de vias para o uso de pedestres temporariamente (ruas abertas) nos Estados Unidos foram criados a partir dos movimentos ativistas de 1960 e 1970. Essa iniciativa “demonstra o importante papel desempenhado pelos cidadãos ao usar o espaço aberto primário da cidade, a rua”¹¹ (LYDON & GARCIA, 2015, p.42).

No Brasil, algumas cidades adotaram a iniciativa de Ruas Abertas temporárias devido à crescente reivindicação popular. A Prefeitura de São Paulo, por exemplo, em junho de 2016 oficializou o fechamento da Avenida Paulista aos domingos, que desde outubro de

¹⁰ Tradução nossa: “However, today they have reemerged as a tool to combat the negative impacts cars have on our cities” (LYDON & GARCIA, 2015, p. 40).

¹¹ Tradução nossa: “(...) show the important role citizens have played in using a city’s primary form of open space, the street” (LYDON & GARCIA, 2015, p.42).

2015 interrompe o tráfego de veículos abrindo espaço para os pedestres. Foi também criado o Comitê de Acompanhamento e Fortalecimento do Programa Ruas Abertas com membros da sociedade civil e entidades para fiscalizar as iniciativas e sugerir melhorias para o programa (PREFEITURA DE SÃO PAULO, 2016).



Figura 1: Paulista Aberta, São Paulo, Brasil Fonte: Uol. Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/album/2015/10/18/sem-carros-avenida-paulista-vira-espaco-de-lazer-aos-domingos.htm> Acesso em 16 jul 2016.

3.1.2. Vaga Viva

Outro exemplo de iniciativa que tem potencial de ativar ruas e subverter usos é a criação de *parklets* (vagas vivas) que ocupam e transformam vagas de estacionamento em espaços exclusivamente voltados para pedestres. Tal experiência tem o papel de subverter o uso do carro para a apropriação de pessoas e criar um refúgio para o convívio social nas ruas. A intenção da criação de Vagas Vivas temporárias está em evidenciar possibilidades de transformação do espaço urbano e de equilibrar a importância entre pedestres e carros.

Tal iniciativa teve inspiração na intervenção da artista e paisagista norte-americana Bonnie Ora Sherk, em 1970, que procurou explorar como as pessoas poderiam usar a arte para modificar positivamente os espaços públicos. Em parceria com o Museu de Arte de São Francisco, ela criou uma série de parques portáteis¹² em espaços públicos de São Francisco, nos Estados Unidos, procurando demonstrar como instalações temporárias podem inspirar melhorias nas infraestruturas urbanas e o importante papel da arte como tática para reivindicar ambientes urbanos de qualidade. Segundo Lydon & Garcia (2015), uma das iniciativas mais marcantes foi a instalação de parques temporários em vagas de estacionamento em São Francisco, sendo considerada pioneira do movimento internacional Park(ing) Day que viria a acontecer 35 anos depois.

As Vagas Vivas fazem parte das políticas públicas desde 2006 em São Francisco, e nos últimos anos influenciou experiências no Brasil, onde cidades como São Paulo, Rio de Janeiro, Curitiba e Belo Horizonte, por exemplo, contam com decretos que regulamentam que tais intervenções possam ser criadas com menos burocracia nas cidades.

¹² Tradução nossa: *portable parks*.



Figura 2: Ocupação de vagas de estacionamento realizada pelo Laboratório de Intervenções Temporárias e Urbanismo Tático (LabIT) em Laranjeiras, Rio de Janeiro. Fonte: LabIT, 2016.

3.2. Recuperação de espaços públicos subutilizados

Nessa seção, apresentamos casos de reconfiguração e apropriação de áreas públicas subutilizadas que envolvem a participação da sociedade.

3.2.1. Reconquista de espaços públicos

Trataremos nesse item de dois exemplos que modificam espaços públicos subutilizados, transformando-os em praças públicas: o programa de praças da cidade de Nova Iorque e a iniciativa da sociedade civil em São Paulo em ocupar e se apropriar do Largo da Batata.

Um exemplo de ação que tenta solucionar a questão de espaços públicos subutilizados na cidade é o *New York City Plaza Program* (Programa de Praças da Cidade de Nova Iorque) lançado pelo Departamento de Transporte da cidade de Nova Iorque (NYCDOT) em 2008. Esse programa de criação de praças se propõe a converter espaços viários subutilizados em áreas livres públicas vibrantes e acessíveis para pedestres e destinos caminháveis, por meio de parcerias com organizações locais sem fins lucrativos (NYCDOT & NYCPLAZA, 2016). O programa conta com um mapeamento disponível online que delimita áreas com deficiência de áreas livres, subutilizadas ou preferenciais para receberem tal iniciativa. Todo ano, o NYCDOT convida organizações para enviarem propostas de locais para novas praças e coloca como condição essencial a participação social no processo de escolha e divulgação das praças, exigindo o envolvimento com atores sociais diversos, como, por exemplo, associações de moradores.

O programa conta com três etapas, sendo que as duas primeiras são temporárias: a praça de um dia (*One Day Plaza*) e praça temporária (*Interim Plaza*). Ambas servem como teste e avaliação para instalação permanente do projeto selecionado (*Permanent Plaza*). Para se tornar permanente, o projeto precisa atender às expectativas do programa acerca de sua qualidade, mobilizar a comunidade, entre outros aspectos. Isso revela que áreas de oportunidade foram colocadas em pauta e alguns resultados gerais de curto e longo prazo foram importantes para compreender a abrangência dessa iniciativa. O NYCDOT (2012) detectou, em algumas intervenções, incentivos à vitalidade econômica, queda do número de acidentes e conflitos entre veículos e pedestres, satisfação e aumento do número de usuários se apropriando do espaço público.

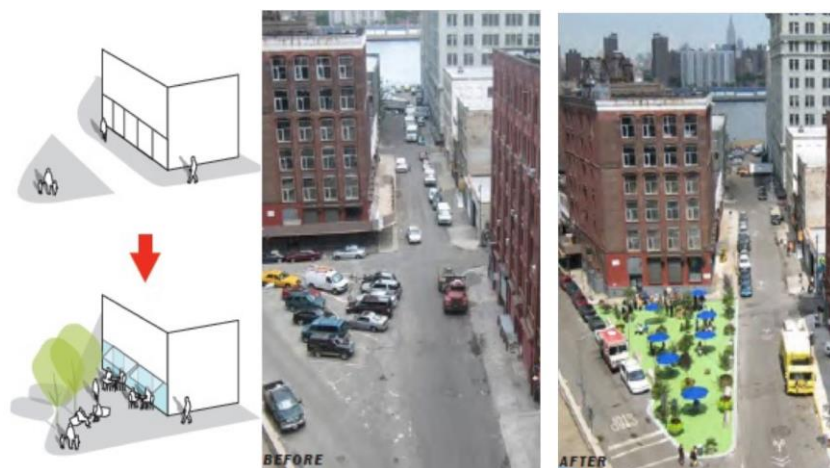


Figura 3: Esquema Gehl Architects para o NYC Plaza Program, antes e depois da intervenção em Pearl Street Plaza, Nova Iorque. Fonte: NYCDOT & NYCPLAZA, 2016, p.2, p.5.

No contexto brasileiro, a cidade de São Paulo, nos últimos anos, vem passando por um processo de apropriação dos espaços públicos e valorização da cultura de rua através de manifestações culturais. Podemos destacar, nesse âmbito, a ocupação do Largo da Batata, no bairro Pinheiros, zona oeste, apropriação que ocorre todas as sextas-feiras no final do dia através do movimento “A Batata Precisa de Você”.

Nos anos 2000 o Largo do Batata passou por uma transformação urbana que alterou radicalmente sua dinâmica e afetou negativamente o uso do espaço, com a remoção de árvores e mobiliário. Desde 2013 a sociedade civil se mobiliza para apropriar o espaço público através de atividades temporárias que acontecem com certa regularidade, recuperando sua vivacidade e chamando a atenção para a importância desse espaço público.

De acordo com relatos da arquiteta Laura Sobral em documentário para a Revista Trip, o movimento não busca a modificação física do local, mas sim sua ocupação regular como forma de revitalizar a área e impulsionar a apropriação por mais pessoas. São realizados no Largo encontros para leitura, jogos, eventos musicais, exibição de filmes, festas e até a implantação de mobiliários temporários, que incentivam cada vez mais a reconquista do lugar pela sociedade.

3.2.2. Plantação comunitária

Iniciativas que promovem a ocupação de espaços públicos vazios ou subutilizados por meio da plantação de hortas e jardins comunitários se configuram como importantes agentes para ativação da vida urbana e democratização do fazer cidade. Trataremos aqui de iniciativas que mobilizam a sociedade civil para apropriação dessas áreas para a criação de usos comunitários, como a plantação comunitária.

Como exemplo internacional, destacamos o Tempelhofer Feld, terreno de um aeroporto desativado em Berlim, na Alemanha. A área do antigo aeroporto tem em média 368 hectares sendo que a maior parte é formada por áreas livres que, a partir de 2007, após a desativação do aeroporto, receberam investimentos do poder público municipal para se converterem em um parque (FERGUSON, 2014). Um coletivo de arquitetura foi convidado a fazer parte da iniciativa e a elaborar o “Conceito Ativador”, que propõe a apropriação e

experimentação do espaço, permitindo ao público expressar seus desejos para áreas livres através de usos temporários (FERGUSON, 2014, p. 46). Esse processo permitiu a preservação e apropriação do espaço pela sociedade civil através de eventos, jardins comunitários e outras intervenções temporárias.

Essa experiência demonstra a capacidade das iniciativas táticas temporárias em realçar possibilidades de transformação do espaço em curto e longo prazo, e incentivar a apropriação de outros espaços públicos subutilizados e vazios com uma ação social. Ações como essas demonstram, ainda, o papel da sociedade civil em estabelecer pontos de contato com o poder público e reivindicar atenção para os espaços através de sua apropriação.



Figura 4: Jardins comunitários em Tempelhofer Feld. Fonte:

http://www.kasperjensen.com/Feature_Guerilla_Gardening_Organic_gardening_in_Tempelhof_Urban_Gardeners_has_talking_over_the_former_Nazi_Airport.html. Acesso em 10 nov 2016.

Como forma de ilustrar esse tipo de iniciativa no Brasil, apontaremos o caso da horta de Madureira, uma grande produção comunitária que entrou para a história do local. Essa horta partiu de iniciativas espontâneas da sociedade civil de ocupar com esse uso a área *non aedificandi* pertencente à Companhia de Luz - Light, localizada na zona norte da cidade do Rio de Janeiro. Os moradores de Vila das Torres, comunidade vizinha à área, se apropriaram de um espaço público vazio sob as linhas de transmissão da empresa de energia para cultivarem alimentos. Parte da produção advinda da horta comunitária era vendida no Mercado de Madureira, trazendo retorno financeiro para famílias do bairro (DE BRITO, 2014). A existência dessa prática agrícola não reconhecida pelas autoridades municipais representou “um vestígio do período rural no bairro de Madureira” (DE BRITO, 2014, p.9).

De acordo com documento publicado pela Embrapa (2002) - Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – a agricultura urbana é uma atividade que permite e incentiva o aproveitamento de espaços públicos e privados para a produção de alimentos, plantas medicinais, ornamentais etc. “A agricultura urbana se caracteriza no espaço global percorrendo escalas, demarcando territórios, arquitetando redes e alterando paisagens” (DE BRITO, 2014, p.1). A Embrapa (2002) reconhece inúmeros benefícios dessa atividade para o meio ambiente e saúde humana, além de proporcionar melhor aproveitamentos de espaços urbanos.

A existência de vazios pode representar um entrave para a dinâmica urbana de uma região, porém, no caso de Madureira possibilitou sua apropriação e reforçou o espírito comunitário

entre os moradores do bairro. Os trabalhadores da horta possuíam um contrato de comodato com a Light, que disponibilizava o terreno de suas vias de transmissão para agricultura comunitária. O uso foi afetado negativamente a partir dos planos da criação do Parque de Madureira, que iniciaram em 2011. Além da desativação da prática nessa área, os moradores da Vila das Torres foram reassentados para outras regiões da cidade.

4. Considerações Finais

Através desse artigo procuramos promover um debate sobre as formas de atuação do Urbanismo Tático, focando nas questões relacionadas aos desequilíbrios entre carros e pedestres e à existência de espaços públicos subutilizados nas cidades contemporâneas. Procuramos demonstrar através de iniciativas táticas temporárias o potencial dessa abordagem em ativar espaços e transformar dinâmicas urbanas estagnadas.

Na era contemporânea, reivindicar o direito à cidade deve ser encarado como o caminho para ambientes urbanos mais democráticos e inclusivos, e a participação e engajamento social tem papel de destaque na abordagem do Urbanismo Tático. Nesse sentido, gostaríamos de ressaltar a baixa expressividade das ações brasileiras que partem da sociedade civil. Entre os exemplos abordados nesse artigo, um dos casos brasileiros de iniciativa *bottom-up* (de baixo para cima) teve desfecho notório, quando foi ironicamente destruído para construção de um equipamento público que poderia tê-lo incorporado ao projeto.

Podemos constatar que há muito a se pesquisar e refletir sobre o Urbanismo Tático no Brasil. No entanto, é importante destacar experiências e desejos que caminhem para a ampliação de sua atuação, mesmo que ainda embrionárias, e estudar formas de incluir cada vez mais essas ações temporárias nas políticas públicas.

Referências

BENNER, S. M. **Tactical urbanism: from civil disobedience to civic improvement**. [s.l.] The University of Texas at Austin, 2013.

BORDE, A. **Vazios urbanos: perspectivas contemporâneas**. Tese de doutorado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

BORDE, A. **Vazios urbanos: Avaliação histórica e perspectivas contemporâneas**. Seminário de História da Cidade e do Urbanismo SHCU, 2012. Disponível em: <http://unuhospedagem.com.br/revista/rbeur/index.php/shcu/article/view/1061>

DE BRITO, G. B. **Agricultura urbana na cidade do Rio de Janeiro: Um estudo de caso do bairro Madureira**. VII Congresso Brasileiro de Geógrafos, 2014. Disponível em: http://www.cbg2014.agb.org.br/resources/anais/1/1404156400_ARQUIVO_ArtigoCBG-final.pdf

DE CERTEAU, M. **The Practice of Everyday Life**. Trad. Steven F. Rendall. Berkley: University of California Press.1999.

DE SOUZA, R. S. **Espaço e comunidade em face de grandes projetos públicos: o deslocamento involuntário de moradores/agricultores de Vila das Torres, Madureira (Rio de Janeiro)**. Dissertação de mestrado. Instituto de ciencias humanas e sociais. Curso

de pós-graduação de ciências sociais em desenvolvimento, agricultura e sociedade: Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2015.

EMBRAPA. MACHADO A. T. & MACHADO, C. T. T. (Org.). **Agricultura Urbana**. Documentos. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Planaltina, 2002. Disponível em: http://bbeletronica.cpac.embrapa.br/2002/doc/doc_48.pdf

FERGUSON, F. **Make_Shift City. Renegotiating the Urban Commons**. Berlin: Jovis Verlag.2014.

HARVEY, D. **Cidades Rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana**. 2014 ed. Brasil: Martins Fontes selo Martins, 2014.

LEFEBVRE, H. **Espacio y política**. Barcelona: Peninsula,1976.

LYDON, M.; GARCIA, A.. **Tactical Urbanism: Short-term Action for Long-term Change**. New York: Island Press, 2015.

MOSTAFAVI, M. e DOHERTY, G. (orgs). **Urbanismo ecológico**. São Paulo: Editora G. Gili, 2014.

NACTO. **Urban Street Design Guide**. New York: Island Press, 2013.

NYCDOT. **Measuring the Street: New metrics for 21st century streets**, 2012. Disponível em: <http://www.nyc.gov/html/dot/downloads/pdf/2012-10-measuring-the-street.pdf>

NYCPLAZA & NYCDOT. **NYC Plaza Program. Application Guidelines 2016**. Disponível em: <http://www.nyc.gov/html/dot/downloads/pdf/nyc-plaza-program-guidelines-2016.pdf>

OBSERVATÓRIO DAS METRÓPOLES. *Estado da motorização individual no Brasil*. Relatório 2015.

PEREIRA, M. S. **Notas sobre o Urbanismo no Brasil: construções e crises de um campo disciplinar**. In: Urbanismo em Questão. Rio de Janeiro: Editora UFRJ Prourb, 2003.

PFEIFER, L. **The Planner's Guide to Tactical Urbanism**. Montreal, 2013. Disponível em: <https://reginaurbanecology.files.wordpress.com/2013/10/tuguide1.pdf>

PREFEIRURA DE SÃO PAULO, 2016. **Notícias**. Prefeitura torna permanente programa ruas abertas e cria comitê para ampliar atividades culturais, gastronômicas e esportivas nas vias. Disponível em: <http://www.capital.sp.gov.br/portal/noticia/14044>

ROSANELI, A. F. **As ruas são 18% do espaço público de Curitiba e merecem atenção**. 2016. Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/futuro-das-cidades/as-ruas-sao-18-do-espaco-publico-de-curitiba-e-merecem-atencao-cwzrrt94fezies6jxrapusiav>

SANSÃO FONTES, A. **Intervenções temporárias, marcas permanentes. A amabilidade nos espaços coletivos de nossas cidades**. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: PROURB-FAU/UFRJ, 2011.

_____. **Intervenções temporárias, marcas permanentes na cidade contemporânea**. In: Arquiteturarevista. São Leopoldo, v. 8,jan/jun, 2012, p.31-48.

_____. **Intervenções temporárias, marcas permanentes na cidade contemporânea. Apropriações, arte e festa na cidade contemporânea.** Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2013.

SILVA, I. E. M. **Utopia e Silêncio: vida pedestre, imagem e emoção em Brasília.** Revista Cronos. 9 (1), pp. 35-64. Jan/Jun, 2008.

SOLÁ-MORALES, I de. **Territorios.** Barcelona: Gustavo Gili, 2002.